

UMA ANÁLISE DOS ESTUDOS CRÍTICOS SOBRE TÁCITO

Juliana Bastos Marques¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo traçar um panorama da produção bibliográfica sobre Tácito, apresentando uma discussão a respeito das críticas e releituras de pontos-chave sobre o historiador tratados por autores como Sir Ronald Syme e T. J. Luce.

Palavras-chave: Tácito, Historiografia Latina, Principado, Ronald Syme.

Abstract: This article presents an overview of the scholarly production on Tacitus and discusses some criticisms and new readings on key topics about the historian, as presented by authors such as Sir Ronald Syme and T. J. Luce.

Keywords: Tacitus, Latin Historiography, Principate, Ronald Syme.

A relevância das obras de Tácito está diretamente relacionada com o problema da definição do poder e das relações sociais derivadas ou determinantes do mesmo. Pode-se dizer então que o principal tema taciteano, das dicotomias entre República e Principado e entre Imperador e Senado neste último período, tem sido sublinhado constantemente por conta do interesse dos estudiosos em sua própria realidade política contemporânea.

Entre os séculos XIV e XVIII, a leitura e análise histórica de Tácito é fonte de inspiração moral e de diversas formas de questionamento da tirania em toda a Europa, especialmente por conta da disputa entre teóricos monarquistas e anti-monarquistas no período iluminista. Vico, Bacon e Montesquieu, por exemplo, utilizam-no como uma das bases de suas teorias políticas. Curiosamente, Tácito também foi utilizado para demonstrar as qualidades da monarquia, como guia para busca da harmonia nas relações políticas, através da utilização de suas idéias em uma série de espelhos de príncipes, na Renascença e no período absolutista (SCHELLHASE, 1976). A oposição entre essa leitura e a hoje mais familiar exaltação da liberdade republicana conseqüentemente rendeu uma querela sobre os méritos da veracidade e acuidade taciteanas, contrapondo fortemente defensores e críticos (SCHELLHASE, 1976;

¹ Doutora em História Social pela USP. E-mail: jbastos@usp.br.

WEINBROT, 1993), numa disputa que terminou por se estender da teoria política ao campo dos estudos históricos propriamente ditos².

A mentalidade política liberal formada a partir do fim do século XVIII, e particularmente no século XIX, foi determinante na visão construída atualmente sobre as idéias taciteanas. Mesmo com o estabelecimento de critérios científicos teoricamente imparciais para a análise histórica, a ênfase dada na superioridade moral e institucional da República sobre o Principado - cujo grande exemplo é Mommsen - se reflete na tentativa dos historiadores de associar as opiniões políticas taciteanas às suas próprias, ainda que indiretamente. Daí temos a construção da imagem fortemente consolidada de Tácito como um amargo representante da elite senatorial, descontente com sua realidade e saudosos do período de liberdade de expressão e do poder *de facto* do Senado antes de Ácio.

A crítica a essa imagem dentro da produção acadêmica do século XX é recorrente (SYME, 1958: 546; BENARIO, 1975: 147; PERCIVAL, 1980; SHOTTER, 1991: 3327). É certamente possível demonstrar que a famosa afirmação de Tácito que "o imperador Nerva reuniu duas coisas antes incompatíveis, o principado e a liberdade"³, demonstra, se não sua simpatia, a aceitação do Principado como uma instituição necessária e apropriada para sua época. Em diversas passagens das *Histórias* e dos *Anais*, mesmo que indiretamente, ele não chega jamais a demonstrar essa dicotomia rígida entre os dois sistemas políticos, sendo um "bom e virtuoso" e outro "ruim e corrupto" por definição. Certas especulações sobre o possível desencantamento posterior de Tácito com os principados de Trajano e Adriano são pouco mais do que conjecturas abstratas (SYME, 1958, esp. seções IV e VII), e, ainda que sejam leituras possíveis, demonstram, em última instância, exatamente sua premissa inicial - de que o Principado como sistema é até mesmo positivo, mesmo porque inevitável, quando pelo governo de um bom imperador.

No prefácio de seu livro introdutório sobre Tácito, Herbert Benario reflete brevemente sobre a profusão de estudos disponíveis a respeito do historiador romano: "*The output has been so steady that some scholars ask plaintively in reviews 'Is another book on Tacitus necessary?'*" (BENARIO, 1975: vii)⁴. A se considerar que seu livro foi

² Um famoso crítico de Tácito nesse contexto é Fabia (1893).

³ *Agricola*, 3, 1: "*Nerva Caesar res olim dissociabiles miscuerit, principatum ac libertatem*".

⁴ Vide os prefácios de Ronald Mellor (1994) e de F. R. D. Goodyear (1970), com a mesma reflexão.

publicado há mais de um quarto de século e que ainda hoje o ritmo da produção acadêmica sobre o assunto é bastante significativo, talvez pudéssemos deduzir que existe atualmente um certo quadro de saturação da pesquisa.

De fato, a quantidade de estudos disponíveis sobre Tácito desafia a capacidade de qualquer pesquisador disposto a esgotar o assunto, mesmo que se trate pontualmente de uma única de suas obras a ser estudada. Uma hipotética lista exaustiva que começasse com as primeiras obras renascentistas e terminasse com os últimos trabalhos publicados ou apresentados sobre o historiador revelaria claramente a complexidade de sua obra e as dificuldades inerentes ao seu estudo, por conta de toda a sutileza de sua análise da realidade política, bem como das contradições aparentes em suas idéias e julgamentos.

A necessidade de uma reformulação dos estudos taciteanos vem sendo constatada já há algumas décadas (CIZEK, 1981). A maior referência no campo, os dois volumes do *Tacitus* de Sir Ronald Syme publicados em 1958, tem sido progressivamente alvo de várias críticas e releituras, como, por exemplo, o desmantelamento da teoria da divisão dos *Anais* e *Histórias* em hêxades proposto por F.R.D. Goodyear (1970), ou ainda a nova ênfase no estudo dos prefácios (LEEMAN, 1973), praticamente ignorados por Syme.

O caso da teoria das hêxades é exemplar no que se refere à consolidação de uma ortodoxia na interpretação de Tácito feita por Syme (1958: 686-687), e que é aceita por muitos até hoje. Syme argumenta que Tácito planejou uma divisão sistemática e proporcional dos *Anais* e das *Histórias* em grupos de seis livros cada, sendo a primeira hêxade sobre Tibério, a segunda sobre Calígula e Cláudio, a terceira sobre Nero, a quarta sobre a guerra civil e Vespasiano, e a quinta sobre Tito e Domiciano, o que significa considerar os *Anais* como tendo 18 livros e as *Histórias*, 12 livros. A razão desta distribuição, segundo Syme, seria a impossibilidade de Tácito concluir o relato do Principado de Nero, ou mesmo do ano de 68 d.C. até o fim, apenas com os parágrafos que lhe restariam no livro XVI. Tendo portanto 18 livros no total, a definição dos seis primeiros livros dos *Anais* como um bloco coeso dedicado a Tibério, o que é aparentemente claro, coincidiria com um padrão proporcional de livros para os imperadores seguintes. Em primeiro lugar, isso cria um problema para a divisão das *Histórias*, já que a distribuição de seis livros para um ano de guerra civil e para nove

anos do governo de Vespasiano, com mais outros seis para aproximadamente um ano de Tito e quinze de Domiciano, é bastante desproporcional. Uma explicação adicional que Syme apresenta seria, no entanto, que Tácito teria morrido antes de completar os *Anais*, devido a uma série de evidências de falhas estilísticas que demonstrariam a falta de revisão do texto final, a partir dos livros de Cláudio (1958: 711-745).

F.R.D. Goodyear (1970: 17-19; cf. McCULLOCH, 1984: 171-175) enumera alguns argumentos em contrário, e defende a contagem seqüencial presente nos códices medievais originais - onde o primeiro livro das *Histórias* consta como *Cornelii Taciti liber XVII*. Ele afirma que a narrativa remanescente do livro XVI dos *Anais* é suficientemente pequena para permitir espaço para o que falta até o final do ano de 68 d.C., e que as evidências da falta de revisão ou incompletude da última hêxade não são conclusivas, mesmo porque afinal de contas é impossível determinar se Tácito realmente deixou a obra incompleta. Os *Anais* teriam, portanto, 16 livros, e as *Histórias*, 14. Mesmo assim, a aceitação da leitura de Syme ainda é forte, como afirma categoricamente A. J. Woodman na sua recente tradução dos *Anais* (2004: x, n. 6): “*most scholars therefore assume that there were twelve books in the Histories and eighteen in the Annals.*”

Assim, a dificuldade ou receio em se igualar ou superar o tamanho esforço erudito de Syme transparece ainda de forma evidente. Tanto sua cuidadosa análise prosopográfica, traçando detalhadas conexões no grupo social a que Tácito pertencia, quanto o levantamento preciso da terminologia utilizada nas obras taciteanas permanecem insuperáveis. Talvez o maior valor da obra de Syme seja ainda a grande expansão de temas relativos a Tácito, demonstrando que a compreensão do ambiente político e social que o cercava é tão fundamental para o assunto quanto a análise interna de suas obras.

Poucos são os estudos gerais sobre Tácito dispostos a suplantarem o peso de tal herança (McCULLOCH, 1991): ou são destinados a um público mais leigo, como os livros de Hector Benario (1975) e Ronald Mellor (1994), ou apresentam análises demasiado específicas, como as publicações recentes de A. J. Woodman (1998), Rhiannon Ash (1999) e Ellen O'Gorman (2000), sem ainda considerarmos o grande detalhismo dos *papers* em geral. Fora do mundo acadêmico de língua inglesa, vemos ainda trabalhos eminentemente teóricos e prolixos dos acadêmicos alemães, conjunto

praticamente inacessível no Brasil e do qual um bom exemplo é o caso de Häussler (1965; cf. FLACH, 1973), analisado adiante, ou na ênfase francófona na análise das instituições (MICHEL, 1966; AUBRION, 1985)⁵. Em italiano, a obra extensa, mas também já bastante antiga, de Paratore (1951) ainda é referência⁶.

Analisando-se em especial a produção nas últimas décadas, é possível perceber uma crescente preocupação em se renovar abordagens e objetivos, através da qual se faz presente o uso de metodologias de análise além do campo da filologia tradicional. Um dos exemplos é a proposta de associação dos mecanismos de relacionamentos interpessoais em Tácito com a metáfora da teatralidade, a partir de uma abordagem de base sociológica (BARTSCH, 1994). Por outro lado, nota-se também a fragmentação da pesquisa em tópicos específicos no conjunto dos trabalhos apresentados recentemente, como as análises isoladas de determinadas passagens dos textos de Tácito e caracterizações pontuais de personagens⁷. As leituras pós-modernas, ainda que oferecendo interpretações interessantes e inovadoras, padecem às vezes também de recortes restritos de interpretação (HAYNES, 2003).

Entretanto, há um outro problema na abordagem, de importância ainda maior: trata-se da necessidade de repensar exatamente a própria forma como lemos Tácito. Tomaremos como exemplo deste questionamento a reflexão apresentada por T. J. Luce (1986), ao se perguntar se é possível retirar do texto de Tácito suas idéias sobre a temporalidade e a história romana. Em seu artigo, Luce se propõe a adicionar comentários sobre dois textos, de Häussler (1965) e de Goodyear (1992), que tratam do mesmo tema, analisando em especial o trecho dos *Anais* no livro III, 52-55 (MARQUES, 2004). Porém, já de início Luce abandona sua intenção, por perceber erros metodológicos importantes na análise destes dois autores, e mesmo em sua própria. O livro de Häussler é uma saga germânica: suas 450 páginas de texto denso, robusto, e detalhadas e extensas notas de rodapé, versam sobre um pouco de tudo relativo ao tema da temporalidade na história. Na primeira parte, por volta de duzentas páginas são dedicadas à formação da consciência histórica ocidental, passando por dezenas de autores, como Sartre, Ortega y Gasset, Goethe, Joaquim de Fiore e Heráclito. Ao chegar

⁵ Ou no incrivelmente antiquado exemplo de leitura “utilitária” por Darcos, 2007.

⁶ Curiosamente, em seu prefácio ele também faz o mesmo questionamento que citamos sobre Benario e outros.

⁷ Afirma Mellor (1993: ix): “*The volume and density of all this material induces timidity; it prompts prudent scholars to write carefully crafted papers on narrow topics.*”

propriamente em Tácito, é dada grande ênfase às questões relativas ao passado e ao presente no *Dialogus de Oratoribus*, em conformidade com a tradição alemã dos estudos sobre o assunto. Häussler, no entanto, conclui de maneira decepcionante sua pesquisa sobre a originalidade do pensamento taciteano (1965: 411): “*Tacitus habe kein historisches Bewußtsein gehabt; die ganze römische Geschichtsschreibung sei dazu unfähig gewesen*”⁸.

Já o *paper* de Goodyear, em suas altamente condensadas cinco páginas, tem como objetivo demonstrar a originalidade de Tácito, ao entender que sua reflexão sobre um possível ciclo dos costumes é caracteristicamente separada da questão dos ciclos das constituições políticas, e se dá no plano moral independentemente das mudanças institucionais. Goodyear cita diversos trechos de outros textos antigos, numa tentativa de mostrar como eles não se encaixam exatamente no que Tácito quer dizer, e assim temos constantemente observações como “*a faint resemblance to what Tacitus says*” (sobre Plutarco, *Vida de Sila*, 7.8), “*there is, I think, little affinity in their views*” (sobre Sêneca, *De Beneficiis*, 1.10.1) e “*but it is untypical, and (apparently) uninfluential*” (sobre Ovídio). Entretanto, o autor não chega a uma conclusão muito satisfatória e termina seu texto apenas admitindo que a originalidade de Tácito deriva de sua constatação que “*there are developments in social history which defy ready and precise explanation*” (1992: 147). De fato, o problema que Goodyear encontrou é o mesmo que Luce apresenta. Vale a pena mencionar a forma como ele descreve suas dúvidas (1986: 143):

“The chief stumbling-block that developed, bluntly put, was an increasing uncertainty on my part as to how to come to know what Tacitus thought, not merely about historical change, but about a great many other topics as well. For the more I examined the text and compared passages within it, the more uncertain I became as to what could properly be deduced, and whether any deductions I might make could be fitted together to form a tolerably consistent pattern of thinking.”

Luce destaca, aliás, citando o próprio Goodyear, as razões da dificuldade em se conhecer de fato as “verdadeiras” opiniões taciteanas. Em primeiro lugar está a

⁸ “Tácito não tinha nenhuma consciência histórica; além disso, toda a historiografia romana era incompetente.”

questão da retórica: qualquer romano bem versado nos princípios da retórica deveria ser capaz de expor com igual eficiência os dois lados opostos de um determinado assunto⁹. Destacamos especialmente casos como os pares de discursos, onde se procura comumente buscar a opinião real de Tácito diluída em um dos lados das disputas. Podemos citar como exemplo, entre tantos, os trechos no livro IV das *Histórias*, na dicotomia entre liberdade defendida por Civilis versus a defesa da conquista romana por Petílio Cerialis¹⁰ durante a revolta dos batavos contra Roma ou nos debates do Senado - de que lado o historiador realmente está? Mas isso significa cair em erro, já que não é possível destacar um sentido absoluto a partir do argumento dos personagens e do contexto em que discursam. Nesse sentido, a utilização da retórica, mais do que como recurso estilístico, significa exatamente a intenção de fazer com que cada um dos lados de qualquer questão debatida tenha sua razão mais solidamente fundamentada possível¹¹. Entretanto, não cabe dizer que tal motivo signifique uma importância menor de seu caráter como historiador em oposição ao seu valor literário, pois, como na Antigüidade os dois elementos se cruzam e se inter-definem, a questão simplesmente não faz sentido como faria dentro dos padrões modernos.

Tal raciocínio é válido para diversos trechos tradicionalmente debatidos, como no caso de alguns dos exemplos dados por Luce. Tome-se um deles, o discurso de Galba ao adotar Pisão (*Histórias*, I, 15-16): até que ponto podemos dizer que o mecanismo de adoção exaltado por ele reflete a idéia do próprio Tácito? O contexto do discurso é irônico e contraditório, pois Galba é bem pouco qualificado por Tácito para fazer uma boa escolha e tomar as atitudes certas. O problema é, portanto, o de se encontrar idéias condizentes com a suposta "opinião pessoal de Tácito", referente a conceitos como *libertas* e *dignitas*, atribuídas a personagens que não as demonstram em sua conduta - pelo menos não de forma regular.

Aliás, se Tácito utiliza recursos retóricos para validar tantas idéias opostas, uma consequência lógica é que uma possível crítica feita à sua intenção de imparcialidade, ao *sine ira et studio* do prefácio dos *Anais*, não faz realmente sentido. Qualquer que seja o nosso julgamento sobre o reflexo de sua posição pessoal nos textos,

⁹ Veja-se para isso, por exemplo, Quintiliano e Cícero, *De Oratore*.

¹⁰ A liberdade é sempre um tema caro a Tácito. Cf. *Hist.*, IV, 32, 64, 66 (Civilis) e 72-74 (Cerialis). Para o Senado, ver IV, 4-11.

¹¹ Daí a grande dificuldade na interpretação do *Dialogus de Oratoribus*, ou na crítica ao imperialismo romano no discurso de Calgacus - *Agricola*, 30.

não há dúvida que a imparcialidade que ele anuncia é resultante da sua aplicação de fórmulas retóricas, e é correta na medida em que satisfaz seus objetivos dentro do padrão a ser esperado no gênero.

O segundo ponto destacado por Luce é o fato de que a narrativa histórica entre os antigos tinha sempre a necessidade de apresentar um caráter de entretenimento para os leitores, o que pressupunha naturalmente uma determinada seleção de assuntos e abordagens. Não bastava ter-se credibilidade e imparcialidade; o texto também deveria proporcionar uma leitura agradável e edificante. Em duas passagens bastante discutidas nos *Anais*, Tácito revela um grande descontentamento por não poder proporcionar ao seu público um texto com tais características: no parágrafo 32 do livro IV, pouco antes de fazer uma digressão sobre as constituições políticas e os objetivos de sua obra, ele lamenta não poder relatar fatos dignos e glorificantes, tais como os que aconteceram no passado, mas sim pequenas coisas aparentemente sem importância. Ainda, no parágrafo 16 do livro XVI, uma melancolia ainda maior o toma pelo penoso fardo de relatar o banho de sangue que se segue à revelação da conspiração de Pisão contra Nero: “Mas agora essa servil passividade e todo o sangue desperdiçado em casa cansam a alma, deprimem-na e a paralisam”¹².

O terceiro elemento são as, por vezes desconcertantes, contradições taciteanas. Podem aparecer em relação a elementos factuais, sobre as quais um clássico exemplo é a diferença na caracterização de Popéia Sabina, segunda esposa de Nero, nos *Anais* e nas *Histórias*¹³, ou também podem revelar as contradições internas do pensamento de Tácito. Dessa forma, são assim um elemento obrigatório de sua visão histórica e, portanto, não se deve tentar resolvê-las de forma absoluta.

Elas estão presentes no caráter do Principado, que é ao mesmo tempo tirânico, mas preferível à guerra civil, e até mesmo na República, onde também havia tirania e caos; estão ainda contidos na difícil relação de Tácito com a religião e no papel dos deuses¹⁴ e presentes na atitude dos senadores, em conjunto ou individualmente: sua servidão é ao mesmo tempo seu único caminho para a sobrevivência (RUDICH, 1993;

¹² “*at nunc patientia servilis tantumque sanguinis domi perditum fatigant animum et maestitia restringunt.*”

¹³ Seu *affair* com o imperador, quando era ainda casada com Oto, foi de fato uma traição ao marido ou um plano deliberadamente arquitetado entre os dois amigos? Tal questão parece ser um problema de fontes diferentes, já que há um intervalo considerável de tempo entre a elaboração das duas obras.

¹⁴ Exemplos: não determinam - *Histórias*, I, 3; determinam - *Anais*, XVI, 16. Cf. DAVIES, 2005.

JOLY, 2004). Personagens como Trásea Peto, Éprio Marcelo ou Vipstânio Messala, ou mesmo comandantes dos exércitos como Antônio Primo ou Muciano, nunca são inteiramente virtuosos ou condenáveis, pois há sempre algum elemento que contradiga sua caracterização inicial. E o que dizer então dos imperadores? Exemplos mais evidentes são Oto, Vespasiano ou até mesmo Tibério e Nero, cujas "verdadeiras" personalidades só se revelam por força das circunstâncias que gradualmente as libertam¹⁵.

Por fim, o último ponto levantado por Luce é o problema das fontes que Tácito utiliza - um tema que já rendeu grandes discussões, especialmente no século XIX, quando a *Quellenforschung* tinha mais adeptos e prestígio. As dificuldades surgidas com o estudo das fontes demonstraram que é na verdade impossível supor que o texto de Tácito seja um conjunto de "camadas" superpostas, as quais basta detectar para saber de onde vieram. A complexidade da visão taciteana torna tais objetivos não apenas inviáveis como também praticamente irrelevantes.

Diante desses problemas, seria ainda possível encontrar a opinião de Tácito em seus textos? Se cada afirmação faz sentido dentro de um determinado contexto, o que se pode deduzir abstratamente de seu pensamento? Ou tal objetivo é impossível? Mas vejamos: ao descrever o passado mais remoto, ele retransmite a tradição da história romana, e, sendo assim, o problema de determinar suas opiniões não é nesse sentido tão impossível de se compreender. A ele seria impensável questionar e reformular toda a produção histórica até Tácito, da qual ele se considera sucessor imediato¹⁶. O outro ponto da análise significa aceitar o fato de que não se deve interpretar passagens do texto completamente retiradas do contexto em que se inscrevem - no entanto, um erro ainda bastante comum. Isso não implica na impossibilidade de compreendê-las: é justamente ao entender o contexto de um determinado trecho analisado que podemos ter uma visão mais ampla do que Tácito quer demonstrar.

¹⁵ Luce formula a contradição (1986: 157): "*In short, circumstances may serve as the means or vehicle by which inborn character gradually becomes known; on the other hand, circumstances are what in large part determine behaviour.*"

¹⁶ Marincola, 1999, 106: "*The writer of a non-contemporary history (...) was not as free as the historian of his own times to shape the tradition (since it was already established), and it is important to note that no ancient historian - not even a Polybius or Thucydides - takes the radical step of tearing the whole edifice down and starting from the beginning. It is true that an historian may reject this or that detail, but he does not abandon the framework already established by his predecessors.*"

Referências bibliográficas

- ASH, Rhiannon. *Ordering Anarchy. Armies and Leaders in Tacitus' Histories*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1999.
- AUBRION, Étienne. *Rhétorique et histoire chez Tacite*. Metz, 1985.
- BARTSCH, Shadi. *Actors in the Audience- Theatricality and Doublespeak from Nero to Hadrian*. Cambridge: Harvard University Press, 1994.
- BENARIO, Hector. *An Introduction to Tacitus*. Athens, GA: University of Georgia Press, 1975.
- CIZEK, Eugen. Pour un Tacite nouveau. *Latomus*, 40, p. 21-36, 1981.
- DARCOS, Xavier. *Tacite, ses vérités sont les nôtres*. Paris: Plon, 2007.
- DAVIES, Jason P. *Rome's Religious History – Livy, Tacitus and Ammianus On Their Gods*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- FABIA, Phillipe. *Les sources de Tacite*. Paris: Imprimerie nationale, 1893.
- FLACH, Dieter. *Tacitus in der Tradition der antiken Geschichtsschreibung*. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1973.
- GOODYEAR, F. R. D. *Tacitus*. Oxford: Clarendon Press, 1970. (Greece & Rome New Surveys in the Classics, vol. 4).
- _____. *Papers on Latin Literature*. London: Duckworth, 1992.
- HÄUSSLER, R., *Tacitus und das historische Bewusstsein*. Heidelberg: Karl Winter, 1965.
- HAYNES, Holly. *The History of Make-Believe: Tacitus on Imperial Rome*. Berkeley: University of California Press, 2003.
- JOLY, Fábio Duarte. *Tácito e a metáfora da escravidão*. São Paulo: EDUSP, 2004.
- LEEMAN, A. D. Structure and meaning in the Prologues of Tacitus. *Yale Classical Studies*, vol. 23, p. 169-208, 1973.
- LUCE, T. J. _____. Tacitus' conception of historical change. In: MOXON, I. S.; SMART, J. D.; WOODMAN, A. J. (eds.). *Past Perspectives: Studies in Greek and Roman Historical Writing*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 143-157, 1986.
- MARINCOLA, J. *Authority and Tradition in Ancient Historiography*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

- MARQUES, Juliana B. Um ciclo dos costumes em Tácito? *Anais III*, 55. *Boletim do CPA*, vol. 18, Campinas: CPA/Unicamp, p. 55-66, 2004.
- MARTIN, Ronald. *Tacitus*. London: Routledge, 1981.
- McCULLOCH Jr., Harold Y. *Narrative Cause in the Annals of Tacitus*. Königstein: Verlag Anton Hain, 1984.
- _____. The Historical Process and Theories of History in the *Annals* and *Histories* of Tacitus. *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt*, II. 33.4, p. 2928-2948, 1991.
- MELLOR, Ronald. *Tacitus*. New York: Routledge, 1994.
- MICHEL, A. *Tacite et le destin de l'empire*. Paris: Arthaud, 1966.
- O'GORMAN, Ellen. *Irony and Misreading in the Annals of Tacitus*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- PARATORE, Ettore. *Tacito*. Milano: Istituto Editoriale Cisalpino, 1951.
- PERCIVAL, J. Tacitus and the principate. *Greece & Rome*, vol. 27, n. 2, p. 119-132, 1980.
- RUDICH, V. *Political Dissidence under Nero*. London: Routledge, 1993.
- SCHELLHASE, K. C. *Tacitus in Renaissance Political Thought*. Chicago: The University of Chicago Press, 1976.
- SHOTTER, D. C. A. Tacitus' View of Emperors and the Principate. *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt*, II. 33.5, p. 3263-3331, 1991.
- SYME, Ronald. *Tacitus*. 2 vols. Oxford: Oxford University Press, 1958.
- TACITUS. *Histories and Annals*. 4 vols. London: W. Heinemann, 1980. (The Loeb Classical Library).
- _____. *Agricola, Germania, Dialogus*. Cambridge/London: Harvard University Press, 1996. (The Loeb Classical Library).
- TACITUS. *The Annals*. Translated, with introduction and notes, by A. J. Woodman. Indianapolis/Cambridge: Hackett Publishing Company, Inc, 2004.
- WEINBROT, H. D. Politics, Taste and National Identity: Some Uses of Tacitism in Eighteenth-Century Britain. In: LUCE, T. J. and WOODMAN, A. J. (ed.) *Tacitus and the Tacitean Tradition*. Princeton: Princeton University Press, p. 168-184, 1993.